Por isso quando propomos um trabalho de leitura, precisamos utilizar recursos dinâmicos que tornem a aprendizagem interessante, acessível e prazerosa ao educando.

A partir desses estudos podemos concluir que a maturidade do indivíduo, a sociedade, a família e a escola tem uma grande influência em seu desenvolvimento e na aquisição da leitura.

Através de brincadeiras, contações de histórias e outros projetos de leitura, as crianças aprendem de uma maneira descontraída e também desafiadora. Ligadas a essas atividades podem também ser desenvolvidas algumas habilidades tais como: raciocínio lógico, psicomotricidade, observação, concentração e levantamento de hipóteses.

Desse modo, o educador proporciona, numa esfera de confiança, interações pessoais e coletivas que suplantam o conteúdo para, através dele, ajudar a construir um referencial rico de conhecimento, de emoções e de práticas sociais, assim propiciadas pela experiência da leitura que levará os educandos a uma aprendizagem autônoma e a construção continuada destes conhecimentos. Necessitamos de crianças curiosas, sedentas pelo saber, que tenham coragem para acolher todos os desafios que contribuirão para o seu crescimento pessoal e o exercício de sua cidadania.

REFERÊNCIAS

BASSEDAS, E. **Aprender e ensinar na educação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetizando sem o Bá-Bé-Bi-Bó-Bu: Pensamento e**

Ação no Magistério. 1. Ed. São Paulo: Scipione, 1998.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. 20ª edição. Paz e Terra. 2001.

GÓES, M.R.C e LOPES, P. **A linguagem no brincar: repercussões do faz-de-conta para o processo de letramento**. Porto Alegre: Mediação, 2004.

KISHIMOTO, T.M. **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. São Paulo: Cortaz.2003

LIMA, E.S. **A utilização do jogo na Pré-escola**. São Paulo:FDE. Diretoria Técnica,1991.

LODI, A.C.B. **Leitura e escrita: no contexto de diversidade**. Porto Alegre: Mediação, 2004.NICOLAU, M.L. **Educação pré-escolar. Fundamentos e didáticas**. São Paulo, Ática:1988.

OLIVEIRA, V. e GOMES, C.F. **Ludicidade e adolescência**. Psicologia on line: Portal e saúde mental, Maio,2006.

PALANAGANA, I.C. **Desenvolvimento e aprendizagem em Piaget e Vygotsky: a relevância do social**. São Paulo: Plexus, 1994.

PIAGET, J. **A formação do símbolo na criança**. 3ª edição. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

VYGOTSKY, L.S, LURIA, A.R. E LEONTIEV, A.N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. Tradução Maria da Penha Villa Lobos. São Paulo: Ícone, 2001.

WEISS, M.L. **Psicopedagogia uma visão: Clinica diagnóstica dos problemas de aprendizagem escolar**. 1994, Editora DP&A, 19.

https://pt.wikipedia.org/wiki/Lev_Vygotsky

A Arte de Contar Histórias nos Anos Iniciais

Ketti Rodrigues Machado

RESUMO

Sendo a escola um lugar de construção e reconstrução de conhecimentos, devemos dar especial atenção à arte de contar historias na Educação Infantil e anos iniciais, pois ela contribui na aprendizagem escolar em todos os aspectos, psicológico, moral ou social, proporcionando um maior desenvolvimento futuro ao aluno. O presente trabalho tem por finalidade a contribuição da contação de histórias para o processo de ensino-aprendizagem na Educação Infantil. As histórias representam indicadores efetivos para situações desafiadoras, assim como fortalecem vínculos sociais, educativos e afetivos. Se faz necessário que os professores utilizem essas ferramentas para o desenvolvimento da criança, despertando pequenos leitores e estimulando para o mundo da imaginação. A contação de história nas escolas é uma forma de preparar crianças, e hoje vem ressurgindo a figura do contador de histórias, um precioso auxílio à prática pedagógica de professores na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

PALAVRAS-CHAVE: Escola, Histórias, Contação, Educação Infantil, anos iniciais.

ABSTRACT

As the school a place of construction and reconstruction of knowledge, we must pay special attention to the art of storytelling in early childhood education in the early years, as it contributes to the school learning in all aspects, mental, moral or social, providing further devel-

opment perceptual the student. This paper aims at contributing stories of storytelling for the teaching-learning process in kindergarten. The stories represent actual indicators for challenging situations, as well as strengthen social, educational and emotional ties. It is necessary that teachers use this tool for the development of the child, awakening and stimulating young readers to the world of imagination. The storytelling in schools was a way to distract children and today is resurfacing the figure of the storyteller, the story-telling is a valuable aid to the pedagogical practice of teachers in kindergarten and the early years of elementary school.

KEYWORDS: School, Stories, storytelling, childhood education, early years.

1. INTRODUÇÃO

A arte de contar histórias já foi vista de um modo de conquistar respeito como forma lúdica de educar as novas gerações, nos últimos tempos, no entanto, embora o próprio contador de histórias é um sujeito apaixonado, quando ele quer dividir com você aquela história que é só dele, passa a ser sua também naquele momento, a contação de histórias não é, necessariamente, uma atividade só para os pequenos.

Contar uma história pode ser a abertura para um caminho que deve ser cruzado não tanto pela necessidade de chegar, mas pelo prazer de curtir a paisagem. ao apresentar a história, falar com naturalidade e dar destaque aos tópicos mais importantes com gestos e variações de voz, de acordo com cada personagem e cada nova situação.

Contar histórias é uma arte, muitas pessoas têm um dom especial para esta tarefa, mas isso não significa que pessoas sem esse dom excepcional não possam tornar-se bons contadores de histórias. Com algum treinamento e alguns recursos práticos qualquer pessoa é capaz de transmitir com segurança e entusiasmo o conteúdo de uma história para pequenos.

O processo de estímulo e incentivo para se contar uma história são inúmeros, mas sua eficácia depende de como o contador os utilizará. Não há "fórmulas mágicas" que substituam o entusiasmo do contador. a história a ser contada e apresentada deve estar bem memorizada.

Toda história que contamos para uma criança ou ate mesmo para adultos, mexe com ela, produz emoções e provoca reações, por isso, é importante termos em mente, que o mundo da fantasia e da realidade se fundem e confundem, os pensamentos e os sentimentos da criança estão em permanente evolução e procuram respostas para certos medos e anseios. Qualquer história pode atingir uma criança profundamente e fazer com que ela peça a repetição dessa história durante dias e mesmo semanas, porque algo na essência de seu desenvolvimento e amadurecimento foi atingido.

1.1. ORIGENS E CONCEITOS DE CONTAR HISTÓRIAS

A arte de contar historias desde as primeiras civilizações , eram feitas com os povos reunidos ao redor das fogueiras onde eram narrados mitos e lendas , contos e acontecimentos sobre natural. O ato de contar Historias , contar pelo prazer de contar, contar pela alegria de ouvir, contar para fazer lembrar, , por mais que posse o tempo e o ato de contar historias adquiri diferentes feições, desdobrando se em sem numero de linguagens e suportes , ele tem na sua origem essa dupla raiz , BELEZA E NECESSIDADE.

Essa atividade oral e gestual foi passada de geração em geração, ministrada pelas comunidades para informar as gerações mais jovens, os saberes imprescindíveis para sobrevivência. Na antiguidade o contador de historias tornou-se uma atração popular pelo prazer que a narração proporciona.

Segundo BENJAMIM,1994, os camponeses navegantes e comerciantes foram os principais responsáveis pela preservação dessas histórias, nesse período foram realizadas comunidades de ouvintes e narrador que eram figuras de destaque. Na idade média o contador de histórias era respeitado em todos os lugares onde ia, chamados de trovadores e eram recebidos em palácios e aldeias, contando historias que habitam o imaginário popular.

Segundo TIERNO, 2010, na África os mestres contadores de historias fazem peregrinações de povoado a povoado, levando suas historias ensinando aos que ouvem suas tradições e culturas.

No SAARA noroeste da África na tradição oral dos grupos étnicos bambaras e fulas na região do Mali, o contador é importante agente da cultura, assumindo a função de noticiadores, mediadores e diplomatas, sendo contratados pelos nobres para pesquisa da genealogia de sua família, narrando dessa forma seus heróis e glorias.

SEGUNDO WARNER, na EUROPA, 1999, a figura do contador de historia sempre ligada as mulheres que durante seus trabalhos domésticos " teciam " suas historias, momentos onde podiam falar e transmitir sua sabedoria, já que não era permitida a participação na vida social e politica mais ampla por muito tempo contar historias de uma pratica domestica quase sempre presente no meio rural.

Segundo MALBA Tahan,1996;

> Até os nossos dias todos povos civilizados ou não, tem usado as histórias como veículo de verdades eternas, como meio de conservação de suas tradições ou da difusão de ideias novas (TAHAN, 1996, p. 24).

Com o aduento da tecnologia essa pratica passou a ser esquecida, mas atualmente viu-se a importância que essa prática tem para as crianças, e de uma maneira quase mágica, contar histórias está criando tendências atualmente.

1.2. O CONTO E ENCANTO: A ARTE DE CONTAR

A importância das histórias na Formação da criança, ao entrar em contato com histórias do cotidiano, desenvolvem a imaginação, criatividade e ludicidade. Assim as crianças escutam e vivenciam as historias despertando escutam e vivenciam as historias despertando emoções, exercitando a capacidade de solucionar problemas do dia a dia.

As historias Antigas contadas pelos mais sábios ainda estão dentro de nós, historias que despertam no intimo emoções intensas como rir, chorar, interagir com os personagens criando fantasias jamais sonhadas.

Através de ABRAMOUVICH, 1993;

> O primeiro contato da criança com um texto é feito oralmente através da voz da mãe, pai ou avos, contando conto de fadas, trechos da Bíblia, histórias inventadas (ABRAMOUVICH, 1993, p. 16)

Os contos fabulas e contos de fadas que desde há muito as crianças ouvem, trazem além da história valores morais encantos que as crianças levam para sempre em sua vida.

Ainda segundo ABROMOUVICH, 1993;

> É através de uma história que se podem descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeito de agir e de ser outra ética, outra ótica (ABRAMOUVICH, 1993, p. 17).

Essas histórias que ficam no imaginário atravessam os tempos e guardam curiosidades, ajudam nos conflitos que desde crianças temos resgatado dessa forma valores guardados como tesouros.

Através de afirmações, TIERNO, 2010;

> Era uma vez que o tempo de ouvir acontece os barulhos, somem, a agitação frenética, os corações palpitam em outro ritmo o da ansiedade pelo que vira da boca do contador (TIERNO, 2010, p. 117)

Ao longo do tempo contar histórias foi realizada de diferentes formas, assim o acervo cultural destinado. As crianças foram se modificando, em diferentes partes do mundo a importância das historias deferiam de um lugar para outro com isso consideramos que no decorrer do tempo contar historias para crianças está intimamente ligado a conceito de infância, brincadeiras entre outros...

Com os contos nasce a literatura infantil por isso a conotação de historia é a origem da literatura, assim no século XVII, surgiram as primeiras produções literárias

, infanto – juvenil com a intenção de resgatar historias Antigas., dedicadas inicialmente a pequenos leitores tenha caráter Pedagógico adequado aos interesses burgueses, buscaria o controle intelectual da criança e dessa forma controlar suas emoções, buscando assim através da educação com livros, conduzir e orientar o pensamento do aluno, de acordo com suas concepções.

Tornando-os leitores obedientes, e submisso, LAJOLO E ZIBERMAM, 1998;

> Nesse contexto surgiriam princípios, rainhas fadas, magos e bruxas. Povoam o imaginário Infantil sendo assim essas historias escritas passam a mostrar a criança atitudes e valores que refletem na vida adulta, gravando no intimo boas mensagens esse conceito ainda é visto nos dias atuais, historias que foram imortalizadas. (LAJOLO apud ZIBERMAM, 1998, p.23)

O contador de Historias é aquele que cultiva a atenção e a delicadeza, que percebe seu corpo no espaço e o corpo do outro, fala sobre o que lhe acontece, sabe que para cultivar a arte de encontro é preciso além de calar muito e ter paciência , escutar aos outros. É imprescindível manter o equilíbrio entre seu esquema e sua imagem corporal, porque ambos envolvem sua sensibilidade postural, mantem uma conexão com a capacidade de localização, compreendem a imagem visual do corpo. (LAJOLO apud ZIBERMAM, 1998).

1.3. CONTADOR DE HISTÓRIAS: ARTE OU PROFISSAO?

A profissão de contador de histórias é antiga, desde a Era Medieval, quando nos castelos, o narrador amenizava os medos e ajudava as pessoas a entenderem melhor o que se passava a sua volta, a enfrentar seus dilemas, extraindo das experiências o aprendizado mais profundo.

Para ser um bom contador de histórias, é preciso saber que tipo de história é apropriada para cada faixa etária. Um breve conhecimento da psicologia ajuda a ter esse entendimento, além de auxiliar em muitas outras percepções na hora da narrativa. Embora todos possam ser contadores de histórias, ao contrário do que parece, esta vivência, hoje, é pouco saboreada, por razões inerentes aos tempos modernos em que estamos inseridos, nas relações de tempo e lazer.

Contar histórias vai muito além de somente contar relatos, é também ensinar, ajudar a ler, a tomar decisões e fazer os ouvintes terem prazer nas histórias contadas.

Os contadores têm uma importante missão. Eles ensinam que usar o dom de passar adiante histórias é levar boas memórias a outros.

A contação de histórias relaciona-se com vários aspectos, pois traz a fantasia, a descoberta, além de desenvolver a atenção e concentração nas crianças. As histórias trazem consigo um mundo mágico, onde tudo é possível, criando a expectativa em saber o que irá acontecer ao final, os olhos brilham ao ver e ouvi-las.

> Quando as situações lúdicas são intencionalmente criadas pelo adulto com vistas a estimular certos tipos de aprendizagem, surge a dimensão educativa. Desde que mantida as condições para a expressão do jogo, ou seja, a ação intencional da criança para brincar, o educador está potencializando as situações de aprendizagem. (KISHIMOTO, 1996, p.36)

Claro que para ser um contador de histórias não basta apenas um livro, reunir o público e ler. O segredo está no recurso dramático, aquele que gera o interesse pela história. É preciso ter artimanhas lúdicas, explorar diferentes entonações de narrativas, entre outros fatores que alguns cursos de contadores podem oferecer. Em cima do aprendizado, aprende-se a explorar melhor a leitura, o que torna o relato ainda mais intrigante.

> Mudar a voz imitando os personagens quebra a monotonia. Variar a tonalidade, abaixando-a ou levantando-a. Falar lentamente ou acelerar o ritmo, dependendo da situação da história. Tudo isso traz vida à narração. Exercícios de canto como vocalizes, escalas de intensidade, duração e articulação são muito eficazes para educação vocal. (...) No caso do contador de histórias, ela é seu principal recurso de trabalho. (MATOS, 2009, p.142)

É bastante frequente que contadores de histórias utilizem a música e outros elementos externos na composição de suas apresentações, que alteram de modo inevitável sua performance, exigindo grande atenção do estudo inicial ao treinamento com o conto. O uso de objetos cênicos requer um treinamento específico e intenso por parte do contador, para que possa dominá-los completamente, fazendo com que de fato contribuam para que a história afete o público. O mau uso de elementos cênicos pode causar dispersão, ou artificialidade, prejudicando o andamento da apresentação.

> Para adentrar esse universo (da história) é necessário preparar-se, como num ritual de passagem. O aquecimento terá por objetivo cuidar dessa preparação, colocando os ouvintes num estado de predisposição, catalisando sua atenção (...). Não há uma regra. É importante que cada contador, utilizando-se de seus talentos, encontre o próprio estilo. (...) Ritmos, adivinhas, cantos, música, brincadeiras, malabarismos, um dedo de prosa, algumas anedotas para relaxar... o que importa é que o narrador se sinta à vontade naquilo que estiver propondo. (...) Finalizar o conto é trazer os ouvintes de volta à terra firme, é lembrá-los de sua existência. (MATOS, 2009, p. 128)

O bom contador seleciona e estuda o que deseja alcançar no desenrolar do seu conto, quando quer explorar o humor, ele seleciona espaços, repertórios, a linguagem precisa ser acessível ao ouvinte, e seu senso de humor abrangente. A arte de saber contar uma história anima e prende no ouvinte sua atenção. O que um bom contador necessita para alcançar o seu ouvinte, é o gosto e admiração pelo prazer que a leitura traz. “A medida que os contadores vão se familiarizando com o seu ofício passam também a inventar histórias novas.” (GOUVEIA, 2003, p. 42)

> A boa memória, o talento interpretativo, o inventivo – a imaginação, a mímica, a voz, toda uma arte de representar – a capacidade de utilizar oportunamente o repertório fazem dos contadores de histórias, ainda hoje, personagens indispensáveis em determinados ambientes. (Meireles, 1984: 48)

O ser humano é naturalmente um contador de histórias. Independentemente da idade. São pessoas que tem suas próprias histórias e vivências. Todo humano carrega consigo uma bagagem histórica, e se permitido, enchem-se de alegrias ao encontrar alguém que mostre interesse em ouvir suas histórias de vida.

2. CONTAR HISTÓRIAS NOS DIAS ATUAIS

Hoje conta-se histórias, mas já não há uma “grande fogueira”. Contar histórias vai muito além de pequenos contos, tornou-se uma terapia, pois a oralidade de contar histórias nutre uma diversidade transformadora que nos remete ao mundo do lúdico, o potencial terapêutico verificado no tratamento de patologias psíquicas, traz grandes resultados.

A família é a primeira e principal fonte de histórias. No ambiente familiar, ouvimos nossas primeiras histórias, visto que as pessoas constituintes dessa instituição social são as primeiras a intermediar o contato da criança com o texto oral. É, através desse texto, que se tem uma das mais ricas formas de apresentar outros contextos e o passo inicial para a “leitura de mundo” (FREIRE, 1989). Afinal, as crianças não precisam ouvir histórias apenas quando já adquiriram o sistema de representação da língua escrita.

Se antigamente as histórias eram contadas somente pelos pais e avós na cabeceira da cama ou ao redor de uma fogueira, hoje, o contador se tornou uma profissão e está presente nas escolas, shoppings, praças, hospitais e feiras. A

essência de narrar não mudou, mas muitos grupos se valem de outras técnicas como o teatro, os bonecos e a música para dar uma incrementada nas fábulas, contos e lendas.

> "[...] como é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas, muitas histórias... escutá-las é o início da aprendizagem para ser leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo [...]". (ABRAMOVICH, 1997, p.16).

Falar atualmente, em contar de histórias oralmente, parece tão arcaico que chega a ser um assombro, aos olhos de muitos, já que é uma das características dos tempos modernos. O conversar caiu em desuso, os jovens se falam pelo celular, pelo computador. O mundo das máquinas substituiu o fazer humano - as histórias são gravadas, na tentativa de substituir a voz do narrador. Mas, nem tudo está perdido porque vemos que algo da natureza humana, com raízes bem plantadas no mundo mágico e encantado, parece guardar-se intocável. Podemos dizer que todos os seres humanos gostam muito de ouvir histórias, parece que como diz Bruno Bettelheim (1984) os contos tradicionais falam ao ego em germinação e oferece estrutura e força para a lida com as adversidades da vida cotidiana.

> O conto oral é uma das mais antigas formas de expressão. E a voz constitui o mais antigo meio de transmissão. Graças à voz, o conto é difundido no mundo inteiro, preenche diferentes funções, dando conselhos, estabelecendo normas e valores, atentando os desejos sonhados e imaginados, levando às regiões mais longínquas a sabedoria dos homens experimentados (PATRINI, 2005, p.118).

A arte de contar histórias tem a habilidade de ativar diversas áreas do nosso cérebro, tendo como exemplos o processamento cognitivo da linguagem, a memória, nossas experiências, emoções e imaginação, além das sensações visuais, auditivas e motoras, de acordo com os estudos atuais. Através dos gestos e expressões a história chama nossa atenção de uma forma seletiva, impactando homens, mulheres, crianças ou idosos.

A Neurociência explica que nosso cérebro, ao entrar em contato com uma narrativa, torna-se um participante do filme, vivendo as ações e emoções. Passamos a viver aquela situação e podemos até mudar nosso comportamento imitando um personagem com o qual nos identificamos.

2.1. A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS E O USO DA TECNOLOGIA

Na atualidade há uma discussão sobre despertar o gosto pela leitura nas crianças através da mediação de leitura com ênfase na contação de histórias. Com isso, há uma valorização de textos literários, pois, acreditamos ser indispensável desde a primeira infância o contato com os textos escritos, possibilitando que, antes da criança ler ela já tenha um contato com a leitura através do material escrito, aguçando e facilitando a assimilação entre o escrito e o ouvido.

Essa questão não impede que a criança se aproxime dos meios tecnológicos para desenvolver-se enquanto leitor, pelo contrário, ela, além desse contato com o material escrito ela precisa se perceber e ou se encontrar como agente ativo do seu processo de formação e autoformação leitora. Isso é possível com a inserção dos recursos tecnológicos nas atividades realizadas na escola.

> [...] a educação precisa incorporar mais as dinâmicas participativas como as de autoconhecimento (trazer assuntos próximos à vida dos alunos), as de cooperação (trabalhos de grupo, de criação grupal) e as de comunicação (como o teatro ou a produção de um vídeo). E alertar os professores para um aspecto crucial no relacionamento com as novas gerações: as tecnologias são cada vez mais multimídia, multissensoriais. As gerações atuais precisam mais do que antes do toque, da muleta audiovisual, do andaime sensorial. É um ponto de partida, uma condição de identificação, de sintonização para evoluir, aprofundar. Percebi que, para galgar novos patamares de conhecimento nesse percurso precisaria proceder de forma mais sistemática para acompanhar o processo e obter feedback do alcance dos objetivos. Ou seja, estava diante de uma necessidade de investigação e deveria, para tanto, buscar uma metodologia adequada. (COELHO, 2008, p. 4)

A responsabilidade na interação das novas tecnologias com a contação de histórias no ambiente escolar é quase obrigatória nos dias atuais.

> [...] "o prazer de ser transportado de forma amável e cuidadosa, ao universo das palavras que possuem corpo, das histórias que se tornam tangíveis, daquilo que nos humaniza" (SISTO, 2001, p. 32).

Pensando nisso, a utilização de diversos recursos para a contação de histórias (principalmente tecnológicos) deve preceder o conhecimento do aparato tecnológico a ser utilizado. A partir daí, as histórias desafiam o ouvinte a raciocinar usando o que ele já sabe e ao mesmo tempo exigindo um nível de abstração maior. Nessa situação os aparatos tecnológicos como vídeo, TV e computador, podem desempenhar papel de motivação, demonstração, instrumento para diferenciação progressiva e reconciliação integrativa e instrumento de apoio a exposição do contador de histórias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É através de uma história que se pode descobrir outros lugares, tempos, outros jeitos de agir e de ser, toda his-